



DOSSIÊ TEMÁTICO:

CIDADES E URBANIZAÇÃO NA ÁFRICA SUBSAARIANA E EM MOÇAMBIQUE

Entrevista



Um percurso de quem se interessa pelos processos de urbanização na África subsaariana nas suas dimensões conceituais e metodológicas

Entrevista de Rogers Justo Mateus Hansine. Por Joaquim Miranda Maloa

Rogers Justo Mateus Hansin

Departamento de Geografia da Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, Moçambique
Contato: rogers.hansine@yahoo.com

Joaquim Miranda Maloa

Professor Auxiliar do Departamento de Geociências da Universidade Rovuma – Extensão de Niassa, Moçambique
<http://orcid.org/0000-0002-9277-2133>
Contato. joaquimmaloa@gmail.com

Rogers Justo Mateus Hansine, graduou-se em Geografia na Universidade Eduardo Mondlane (UEM-Maputo) (2009). Mestre em Estudo de Desenvolvimento pelo Instituto Internacional de Estudos Sociais da Universidade Erasmo de Roterdão, Holanda (2013). Doutorou-se em Geografia Humana pela Universidade de Bayreuth, Alemanha (2019). Nasceu em 1985 em Messumba, numa família anglicana, durante a guerra civil. Fez seu ensino de 1º grau nas escolas Heróis moçambicanos e Amílcar Cabral (1991/96). Coursou o 2º Grau na Escola Novo Horizontes (1997/98) e continuou com o Ensino Secundário no Paulo Samuel Khakomba (1999-2004). O interesse pelo saber geográfico começa cedo com a vontade de localizar lugares como Fátima (Portugal), Egito, onde nasceu Moisés, ou Israel, onde Deus se tinha revelado ao povo eleito. Esses lugares eram presentes nas narrativas familiares. O conhecimento da localização seria determinante no entendimento da diversidade do planeta e da sua História, tornando Rogers num curioso das ciências geográficas e um estudante que busca entender processos espaciais incluindo o processo de urbanização na África subsaariana na própria forma como se aproxima dele, na maneira como mora nele.

Como citar:

HANSINE, R; MALOA, J.M. Um percurso de quem se interessa pelos processos de urbanização na África subsaariana nas suas dimensões conceituais e metodológicas. Entrevista de Rogers Hansine. **Boletim GeoÁfrica**, v. 2, n. 5, p.12-17, jan.- mar. 2023





Entrevista de Rogers Justo Mateus Hansine ¹

GeoÁfrica. *Como surgiu sua decisão de ser geógrafo?*

Para mim o mundo se tinha tornado pequeno através da religião. Lugares como Israel e Egípto, eram lugares teoricamente familiares na minha infância, mas tinha a noção de que estavam fisicamente muito distantes. Depois, também fui estimulado pelos missionários portugueses, chamados Leigos Para desenvolvimentos, jovens voluntários que actuavam como professores, bibliotecários, agentes de saúde, etc. Durante a minha adolescência, estes missionários tinham criado e geriam uma biblioteca “AfricaMiga”. Com os livros que estavam lá eu e outras crianças, adolescentes e jovens que frequentavam a biblioteca ficamos com a mente mais aberta. Foi na sequência do gosto pela leitura que eu e alguns colegas do ensino secundário criamos o primeiro jornal de parede na Escola Secundária Paulo Samuel Khankomba. Chamava-se “O Lanterna”. Claramente que a nossa inspiração era o Iluminismo Francês, a dita Época das Luzes. Nós também acreditávamos que tinham a missão de trazer luzes para jovens que andavam nas trevas. Tudo foi feito com ajuda dum professor de Filosofia de nome Raimundo. Ele nos inspirava. Terminado o ensino secundário, tínhamos que concorrer para a universidade. Terminei a minha formação do ensino médio em 2004. Estranhamente por minha inclinação religiosa e ter um irmão sacerdote, eu queria ser padre. Optei por começar a concorrer para a universidade e se funcionasse iria para o seminário. O plano era que mesmo depois da Universidade voltaria para o Seminário. O que aconteceu foi que na data dos exames de admissão, eu teria uma viagem, com representante dos jovens da Diocese de Lichinga para participar de um Conselho Episcopal em Maputo. Era a primeira vez que eu ia viajar de avião. O que sucedeu é que no dia do voo, ou um dia depois, ia decorrer os exames de Português. Penso que tal exame seria numa sexta-feira. Eu queria fazer Direito ou Línguas, mas não podia fazer esses cursos sem fazer o exame de Português. Infelizmente não iria realizar o exame de português por conta da viagem a Maputo. Quando estava a fazer a inscrição para os exames de Admissão a universidade, o professor de Matemática que estava encarregado de fazer as inscrições, tinha a opinião de que eu era um bom estudante de ciências. Tentou convencer-me a fazer as Engenharias e Economias. Eu disse que

¹ A entrevista foi realizada por celular no dia 2 de março de 2023.



14

eu não gostava das letras e filosofias, sobretudo por conta dos meus hábitos de leitura já tinha lido Saramago e Mia Couto e outros autores renomados. Porque não podia fazer Direito ou Letras por conta da impossibilidade de realizar o exame de português, só me restava o curso de Geografia, que não tinha português como disciplina obrigatória nos exames de admissão. É aí que eu entro para Geografia no ensino superior, como a primeira opção e a segunda Hotelaria e Turismo. Na altura se devia escolher duas opções de ingresso. Nesse curso de Gestão de Hotelaria e Turismo, penso eu que se podia entrar com Matemática e Geografia ou Matemática e História, mas também História e Geografia. Eu estava convencido que não ia entrar logo na primeira tentativa. Havia muita competição para entrar na UEM a maior e mais antiga e renomada instituição de ensino superior em Moçambique. Portanto concorri com a ideia que isto não vai dar certo e vou prosseguir com o sacerdócio. Eu não entro para a minha primeira opção que era Geografia, mas para Hotelaria e Turismo, pelo simples facto de ter tido a melhor nota da província nas disciplinas de História e Geografia nos exames de admissão. Havia e penso que ainda há um processo de selecção para esse curso baseado nesse pressuposto das melhores notas. Porque não queria fazer Gestão de Turismo, fui aconselhado a fazer um requerimento para o Reitor para ser admitido na minha primeira opção que era Geografia. Escrevi para o Reitor, e fui deferido e fui parar na Geografia. Assim comecei a dar os primeiros passos na geografia como ciência

GeoÁfrica. *Nas suas pesquisas sobre aspectos demográficos do crescimento urbano, quais são as evidências importante que pode partilhar connosco?*

Penso que há dois níveis analíticos quando abordamos aspectos demográficos vis-à-vis do crescimento urbano. Por um lado, há que considerar uma análise macro e, por outro lado, a micro. No meu entendimento a análise micro pode ser perdida quando se foca na macro. Na macro nos vemos, por exemplo, como a dimensão demográfica de ponto de vista das tendências de indicadores demográficos como natalidade, mortalidade e migração influenciam as dinâmicas espaciais do crescimento urbano. Do ponto de vista micro a fecundidade a mortalidade e a migração tem efeitos diferenciados sobre distintos seguimentos da população urbano e do próprio território urbano. É dessa última análise que me tenho ocupado. No meu doutoramento, por exemplo, procurei discutir e mostrar que, do ponto de vista micro, factores como crenças,



motivações e desejos produzem a disparidades e diferenças de comportamento reprodutivo urbano. Ou seja, na minha perspectiva é a partir da micro-interção social que se podem explicar os fenómenos macro sociais, como as disparidades urbanas entre outras. E foi aí que eu entrei para os estudos urbanos. Na tentativa de entender o que é o espaço urbano, como ele se constrói e como ele evolui, sua função e sua forma achei válida a proposta analítica de analisar o comportamento reprodutivo de forma micro.

GeoÁfrica. *Das pesquisas que realizou, qual dela lhe marcou mais?*

Penso que foi a pesquisa de Mestrado, desenvolvida na Holanda, que mais me marcou. Ela tinha como título: *A construção social do problema de população e desenvolvimento em Moçambique: Reflexões sobre o neomalthusianismo e o declínio da fecundidade em Maputo*. Neste estudo procurei demonstrar que a discussão sobre a questão de fecundidade e do desenvolvimento era abordada em Moçambique de certo modo simplificada, incongruente e politicamente incoerente. Nós criamos a ideia de que o desenvolvimento vai falhar se não corrigimos a nossa reprodução. Tudo parte do pressuposto que a transição demográfica é necessária para acelerar o processo de desenvolvimento. A questão de transição demográfica como teoria de desenvolvimento deve ser criticamente discutida. A transição demográfica é uma teoria de modernização. Ele descreve um trajecto histórico europeu, sobretudo no período que vai da revolução industrial até ao início da primeira guerra mundial e pouco depois do início da segunda, e não uma explicação de como o processo de desenvolvimento pode ter lugar. Por exemplo, há uns 150 anos nenhum desses países passou promoveu um planeamento familiar destinado a fazer diminuir sua população no intuito de melhorar suas condições de vida. É certo que ao longo de muitas décadas tais países viram a sua fecundidade cair. Todavia devemos refletir para desvendar se tal foi a causa primária ou mesmo secundária da melhoria das condições de vida. Portanto, a transição demográfica não é uma teoria para explicar fenómenos ou factos sociais e demográficos. É uma descrição de um processo contextual. Se ficarmos com essa ideia de que o desenvolvimento depende de transição demográfica, podemos perder de vista a complexa problemática do desenvolvimento. Por exemplo os termos de troca entre os chamados países desenvolvidos e os em vias de desenvolvimento são desfavoráveis a estes últimos. Enquanto nós importamos



tecnologia e produtos acabados a custos muito altos, o que exportamos é a matéria-prima a custo muito baixo, destinada a produção de bens que, finalmente, acabamos por importar. Temos ainda que analisar a questão geopolítica, a nossa posição é frágil. Tem algum país africano com assento permanente no conselho de segurança da ONU? Sem fazermos estas perguntas, e outras tantas outras, e sem procurarmos dar uma resposta sólida devemos ter cautela em afirmar que o problema da precariedade das condições de vida em países como Moçambique é somente um problema de atraso da transição demográfica, e portanto, de declínio da fecundidade.

GeoÁfrica. *Quais são os temas importantes da interface entre dinâmica demográfica e urbanismo para a geografia urbana neste momento?*

Esta é uma questão pouco discutida, o que faz muita falta na academia. Devemos revisitar os arcabouços teóricos e metodológicos e discutir os tópicos que tem a ver com o ponto de partida do debate. O paradigma que, na minha opinião, pode e deve ser tomado em conta é o de que não existe um conhecimento factual sobre o mundo. A realidade social é socialmente construída. Isso significa que nosso entendimento do urbanismo não é algo indiscutível. O que seria ou é urbanismo no norte global ou no ocidente pode não ser no sul global. Mas significaria que existem vários urbanismos? Talvez sim. Mas o que seria essencial entre eles? Por exemplo quando alguém diz que teve três refeições, a primeira pergunta não é se isso é possível ou não no contexto desta afirmação. A questão de fundo aqui é o que é refeição? A resposta a essa pergunta depende da influência exercida pelo meu contexto social político, cultural etc. sobre minha forma de pensar ou de minha reflexão sobre o que é a refeição. Em suma, eu sempre procuro ter máxima clareza contextual.

GeoÁfrica - *Qual é o conselho que dá aos jovens geógrafos?*

Tenham paixão pelo conhecimento. Tenham paixão pela ciência. Isso é tudo que precisamos para fazer coisas extraordinárias mesmo quando não há condições materiais entre outras nos contextos onde estamos ou nos encontramos.





Algumas publicações de Rogers Justo Mateus Hansine

HANSINE, Rogers J.M. **The social construction of the 'problématique' about population and development in Mozambique: reflections about neo-Malthusianism and fertility decline in Maputo City.** The Hague: Institute of Social Studies, 2013, 51p

HANSINE, Rogers J. M. Escolhas reprodutivas no contexto africano e urbano pós-colonial: o caso de Maputo, a capital de Moçambique. *ENTRE-LUGAR*, 12 (23), 2021, p.124–151. <https://doi.org/10.30612/el.v12i23.14802>

MARTINS, Helder; HANSINE, Rogers J.M. Análise epidemiológica e demográfica da COVID-19 em África. *Anais do IHMT*, 2020, 19, p.7-42.
URL: <https://anaisihmt.com/index.php/ihmt/article/view/353>

HANSINE, Rogers J. M. **Reproducing in an African City Today: Choices, Decisions, and Opportunities.** LIT Verlag Münster, 2022, 228 p.

ARNALDO, Carlos.; HANSINE, Rogers J. M. Política de população em Moçambique: por que e para quê? *Revista Científica da UEM: Série Letras E Ciências Sociais*, 1 (2), 2020.